



## Apresentação

O presente número da *O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira* inclui trabalhos que abordam o intercâmbio entre a literatura brasileira e as literaturas de língua inglesa. A aproximação entre o Brasil, sua literatura e seus escritores e a produção tanto literária quanto crítica em língua inglesa é de longa data, remontando ao período colonial e mantendo-se viva até os dias de hoje através, entre outros, do crescente número de traduções. Os textos aqui publicados investigam dimensões variadas desse intercâmbio.

O papel seminal da obra de Shakespeare para a configuração literária de nossa cultura oitocentista é reiterado, e sua compreensão, discutida e aprofundada em dois ensaios que se situam em duas perspectivas complementares. Na vertente “alta” da literatura brasileira, Andréa Sirihal Werkema, em “Shakespeare constituinte da obra de Álvares de Azevedo”, mostra a centralidade, na poética de Azevedo, do modelo de irregularidade formal shakespeariano, confirmando o diálogo entre o poeta brasileiro e o chamado Primeiro Romantismo Alemão. Aqui, como lá, cabe a assertiva de Schlegel (2016 *apud* WERKEMA), segundo a qual Shakespeare constitui “o centro, o núcleo, da fantasia romântica”, fornecendo uma espécie de modelo da irregularidade formal, posto em experimentação em um dos pilares de nossa poesia propriamente romântica.

Na outra vertente, ‘baixa’, popular ou (admitindo-se o termo em suas devidas proporções) da literatura de massa, Leonardo Mendes estuda os escritos de Coelho Neto publicados sob o pseudônimo shakespeariano “Caliban”. Adotado em 1890, o lastro culto do pseudônimo ajuda a compreender, segundo Mendes, o sucesso alcançado pela literatura licenciosa que veicula. Como explicita o ensaísta em “Coelho Neto Canibal: pseudônimos shakespearianos e literatura licenciosa no Brasil (1890-1940)”, o conteúdo licencioso, jocoso e rebaixado, além de chancelado pelo pseudônimo, foi tratado com o capricho e elegância de linguagem que caracterizam a literatura séria do escritor, fazendo dos escritos de Caliban a revelação de “um Coelho Neto moderno, contestador e inovador, que foi esquecido pela tradição crítica”.

A nota curiosa sobre a intensa circulação e recepção do romance moderno de língua inglesa na cultura brasileira oitocentista é trazida pela pesquisa em documentos pessoais de D. Pedro II por Larissa de Assumpção, que, em seu ensaio “‘É boa leitura, mas para momentos de lazer’: a leitura dos romances de Walter Scott pelo imperador Pedro II”, toma como objeto a correspondência do imperador com sua filha, Izabel, e com o amigo francês e conde, Gobineau. Do período compreendido entre 1860 e 1880, são focalizadas as cartas em que se trocam impressões e pareceres sobre romances de Walter Scott, cuja importância para a configuração do romance histórico e do público leitor brasileiro é amplamente reconhecida por nossa tradição crítica, tendo sido uma das predileções literárias do imperador.

Um século depois, *Luvas de pelica* (1980), de Ana Cristina César, mostra a continuidade de uma já longa tradição. O ensaio de Alexandre Gil França, “O que há em um nome?: ressonâncias entre Ana Cristina Cesar e James Joyce”, analisa as ressonâncias de *Ulysses*, de Joyce, na obra da poeta brasileira por meio da noção de “intimidade”, presente não apenas como tema, mas como estratégia de escrita. Esse movimento analítico de aproximação, por sua vez, mantém-se alerta também para as divergências, logrando estabelecer a necessária individualização estética das obras.

Ressonâncias de obras estrangeiras de língua inglesa em obras brasileiras são também analisadas tanto no ensaio de Miriam Piedade Mansur Andrade, “Delírios e deleites: leitura dos diálogos de Machado de Assis com John Milton em *Memórias póstumas de Brás Cubas*”, quanto no artigo de Vanessa de Paula Hey, “*Walden* como ponto de chegada da reflexão sobre modernidade em *América*”. No primeiro, a autora apresenta os diálogos entre Machado de Assis e John Milton, os quais, mesmo que identificados como alusões e referências indiretas pela autora, proporcionam uma rica composição textual machadiana com a do poeta inglês, trazendo-a para o contexto literário brasileiro. Já o estudo de Vanessa Hey analisa a obra *América*, de Monteiro Lobato, e seus diálogos com a obra *Walden*, do escritor norte-americano Henry David Thoreau. Ambas as obras analisadas por Hey, com as suas semelhanças e diferenças, criticam e questionam o impacto da modernidade tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos, tais como as questões de identidade através da perda da individualidade e liberdade em prol de novos padrões industriais e sociais voltados ao progresso e à industrialização.

Numa leitura da sociedade contemporânea, destacam-se transformações na sociedade atual assim como visões e críticas da noção de fronteiras. Através do romance *Samba Dreamers*, de Kathleen de Azevedo, o ensaio de Marcela de Oliveira e Silva Lemos, “A Disruption of the National Identity in the Brazilian-American Novel *Samba Dreamers*”, confronta o discurso de nação e identidade nacional, sugerindo um deslocamento do conceito de identidade que ultrapasse as fronteiras geográficas, geopolíticas e a noção de Estado. A porosidade das fronteiras também é o fio condutor do ensaio de Thayse Madella, “Esquisitar pontes: possíveis diálogos entre feministas *queer* chicanas e brasileiras para uma crítica literária de margem”. Esta, porém, articula uma proposta de “esquisitar pontes”, saltando fronteiras geográficas e metafóricas de espaço físico e social. Ao analisar a aproximação entre os feminismos contra-hegemônicos do Brasil e dos pensamentos produzidos pelas chicanas, na fronteira entre os EUA e o México, Madella apresenta produções de conhecimento que partem de posições marginalizadas e desestabilizam a noção hegemônica de poder.

Duas entrevistas encerram este dossiê temático. Em “Ô abre-alas que o Mulherio vai passar, agora em língua inglesa”, Fernanda Guida entrevista Angela Rodriguez Mooney, membro do coletivo Mulherio das Letras nos Estados Unidos, criado em 2018. Desestabilizando a conotação pejorativa de *mulherio*, o braço estadunidense do grupo vem contribuindo para a divulgação e a tradução de obras literárias de escritoras brasileiras, como ressalta a entrevista. Em “Literatura interamericana e literatura brasileira nos Estados Unidos”, Joelma Santana Siqueira conversa com Earl Fitz, da universidade Vanderbilt, que comenta sobre a recepção da literatura brasileira em seu país, passando pelo viés da tradução e da relação da literatura brasileira com outras literaturas da América de língua espanhola.

Ainda neste número, a seção “Varia” da revista apresenta três artigos que se concentram em temas diversos da literatura brasileira, a saber: a representação da marginalização social em um conto de Rubem Fonseca, abordada por Richard Angelo Leonardo-Loayza em “Desposeídos y perversos: una relectura de ‘El cobrador’ de Rubem Fonseca”; “A poesia satírica de Generino dos Santos no jornal *O Trabalho*”, apresentada e discutida por Isabela Melim Borges e Alckmar Luiz dos Santos; e os chamados poetas da Geração Lula, vozes que despontaram no cenário da literatura brasileira do século XXI e são analisadas por Jean Fabricio

Lopes Ferreira e Aulus Mandagará Martins em “A Geração Lula, de Alberto Pucheu: olhares para a poesia brasileira do século XXI”.

Por fim, o número se encerra com resenhas sobre as obras *Seja como for: entrevistas, retratos e documentos*, de Roberto Schwarz (2019), e *Machado de Assis: intérprete da sociedade brasileira*, organizada por Juracy Assmann Saraiva e Regina Zilberman (2020), em apreciações, respectivamente, de Bárbara DelRio Araújo e Benito Petraglia.

As organizadoras,

Gláucia Renate Gonçalves (UFMG),  
Maria Cecília Bruzzi Boechat (UFMG) e  
Fernanda Guida (Spelman College)